



UMA SEDE PARA A ASSOCIAÇÃO CAMPINEIRA DE IMPRENSA

Correio Popular 8/3/52

Senhor Governador da Cidade:

A' boa moda epistolar que consagrou, na antologia das letras francesas, o nome da sutilíssima Mme. de Sevigné, venho eu expor à vossa alta consideração, na minha humildade de jornalista provinciano, um problema que, por extensão profissional, também é meu. Refiro-me, sr. Mendonça de Barros, à necessidade que tem a Associação Campineira de Imprensa de possuir, sem demora, a sua sede própria — a Casa dos Jornalistas. Devo dizer-vos, a bem da verdade, que a nossa entidade, desde a sua fundação, tem ciganeado daqui para acolá, sem poiso definitivo. Vivemos, para usar uma imagem velha, de mala às costas. Desde o dia remoto em que Leopoldo Amaral, Norberto de Souza Pinto e alguns outros inventaram a Associação, andou ela a ocupar salas e casas de aluguel, sem nunca conseguir fincar raízes num chão seguro, que lhe propiciasse o desenvolvimento de um programa ainda amplo e mais fecundo. Sei, sr. Governador da cidade, que esse é, em todo o lugar, o destino dos pobres. E a A.C.I., sem ser indigente, tem cumprido, através dos anos, um fadário de pobreza. Se lhe sobram entusiasmos e ideais, perseverança e tenacidade de propósito, escasseiam-lhe, em idêntica proporção, os recursos de pecúnia com os quais, aqui como na Lusitânia, se compram os melões. Não vos cause espanto esta confissão pública da minguada capacidade financeira de uma sociedade de jornalistas. A nossa profissão exige, realmente, que nos dediquemos a todos os problemas — mas aos problemas dos outros. E tanto a eles nos voltámos que pouco tempo nos resta para cuidar das aflições próprias, cujos remédios vão ficando sempre para o dia seguinte. Essa circunstância talvez explique a pobreza de que vos falei linhas acima, mas posso garantir-vos que é uma pobreza que até dignifica a classe a que pertença como um dos mais apagados dos seus membros.

Este começo de conversa, senhor Governador da cidade, serve para justificar um apêlo. Quero pedir-vos, dêste canto de jornal, que a Municipalidade conceda à Associação Campineira de Imprensa a sua sede definitiva, a casa própria de que carece, a-fim-de-que, de uma vez por todas, os jornalistas fiquem livres do espantinho do caminhão das mudanças. Acredito que, nesta altura da existência da A.C.I., já tenha ela adquirido o direito de viver uma velhice tranqüila. Lá estão, na sede associativa dos profissionais da pena, velhas coleções de jornais, estantes atestadas de livros, bustos de gente ilustre e, pelas paredes amplas, fo-

tógrafias de antigos companheiros que a morte levou para sempre. E' esse o nosso patrimônio — um patrimônio construído de dedicações, de esforços, de perseverança. O João Rodrigues Serra, o Benedito Cavalcanti Pinto, o João Lanaro, o Braulio Mendes Nogueira e outros tantos confrades que já desfilarão pelas diretorias da Associação, podem testemunhar à vossa lúcida compreensão o quanto representa de sacrifícios esse acervo de tradições que se agasalha entre as paredes da casa dos jornalistas. Observai, senhor Prefeito, que não vos citei o nome do Norberto. Esse, sozinho, teria assunto para uma conversa muito longa, durante a qual se misturariam lances de drama e de comédia...

A vós, pois, vai o meu apêlo. As picaretas da remodelação da cidade já ameaçam o edifício onde está instalada, neste momento, a nossa sede. E' tempo de irmos pensando no problema de amanhã. As cigarras, ao menos uma vez, têm obrigação de ser formigas. Precisam fazer cessar, por um instante, a canção que trazem na garganta para, aafiando as unhas, conquistar alguma coisa de prático e objetivo, que as livrem dos rigores dos invernos que hão de vir.

A Prefeitura, senhor Mendonça de Barros, possui ali na rua Dr. Quirino um prédio que serve perfeitamente às finalidades da Associação. E' o casarão onde funcionaram, até há pouco, os serviços da justiça. Doado à A.C.I., esta entidade poderá promover uma campanha para erigir a sua séde, demande isso, embora, mais algumas etapas de lutas e dedicações. Estamos afeitos a essas pelejas e, sem dúvida, levaremos a bom termo o empreendimento que se coroará com a instalação de uma Casa de Jornalistas que possa dignificar as tradições culturais de uma cidade que, noutros tempos, enriqueceu a imprensa brasileira de tantas figuras brilhantes e exponenciais.

Aqui fica o nosso apêlo, sr. Governador da Cidade. Se houver em vosso espírito ressonância para êle, podeis estar convicto de que a nossa querida Campinas bem compreenderá a grandeza do vosso gesto, interpretando-o como um dos mais legítimos atos de uma administração operosa e esclarecida. Afinal, o ilustre general Góis Monteiro, que é um confrade em vilegiatura, já confessou que constituímos, na imprensa, os homens da "sexta arma" do Estado...

De ouvidos e coração abertos à vossa resposta, aqui fica, com a estima e admiração de sempre, o

LUSO VENTURA